

A atividade política niilista entre o real e o ficcional: a experiência de Sofia Kovaliêvskai*

Odomiro Fonseca**

Resumo: O presente artigo tem como objetivo traçar as semelhanças entre a vida da ativista niilista e matemática russa Sofia Kovaliêvskai e a personagem Vera Barântsova, de sua única obra ficcional, a novela *A Garota Niilista*, de 1890. O Niilismo Russo foi um fenômeno social proeminente na década de 1860, que contribuiu para a disseminação de ideias progressistas, como a emancipação dos servos (ocorrida em 1861) e a Questão Feminina (*Jênskii Voprós*, em russo). A luta das mulheres neste período recaía principalmente sobre três bandeiras: o casamento (liberdade de escolha do cônjuge e separação), o direito à participação profissional na sociedade e a uma educação que se equiparasse à dos homens. Sofia Kovaliêvskai despontou como protagonista nesse processo político e trouxe, em sua novela, fortes elementos de sua experiência pessoal.

Abstract: This article aims to trace similarities between the life of the activist of the Russian Nihilism and mathematician Sofya Kovalevskaya and the character Vera Barantsova, from her only fictional work, the novella *Nihilist Girl* (1890). Russian Nihilism was a prominent social phenomenon in the decade of 1860, which contributed to the dissemination of progressive ideas, such as the emancipation of the serfs (which occurred in 1861) and the Female Question (*Zhenskii Vopros*, in Russian). The struggle of women during this period fell on three main themes: marriage (freedom to choose partner and divorce), right to an education that equates with men and professional participation in society. Sofya Kovalevskaya emerged as the protagonist in this political process and brought to her novel strong elements of her personal experience.

Palavras-Chave: Niilismo russo; Literatura e gênero; Mulheres escritoras; Realismo russo
Keywords: Russian Nihilism; Genre and Literature; Women Writers; Russian Realism

* Artigo submetido em 29 de agosto de 2018 e aprovado em 20 de setembro de 2018.

** Odomiro Fonseca é graduado e mestre pela Universidade Federal de Pernambuco, e doutor em Literatura e Cultura Russa pela Universidade de São Paulo (odomiromfonseca@gmail.com).

Sofia Vassílievna Kovaliêvskaia (Korvin-Krukóvskaia) nasceu em Moscou, em 15 de janeiro de 1850, e faleceu no dia 10 de fevereiro de 1891, em Estocolmo, capital da Suécia. Uma das mulheres mais proeminentes do seu tempo, fez parte da geração que, sob a bandeira do niilismo, lutou pelo direito das mulheres à educação e foi estudar no exterior a fim de ocupar o espaço profissional que estivesse à altura de seu talento. Por ser uma jovem da década de 1860, teve a oportunidade de vivenciar as experiências de uma cultura progressista, em que se discutiam novas perspectivas para a sociedade e para livrar as mulheres da longa tradição patriarcal. O contato com a literatura de Nikolai Tchernichévski (1828-1889) despertou na jovem o interesse por uma educação que fosse além dos fins domésticos, voltada para a transformação social. Para atingir esse objetivo, teve de emigrar. Estudou na Universidade de Heidelberg entre 1868 e 1870, e na Universidade de Berlim de 1870 a 1874, onde defendeu a tese “Sobre a teoria das equações diferenciais parciais” (*Zur Theorie der partiellen Differentialgleichungen*) e se tornou a primeira mulher a receber o título de doutora em matemática. Foi professora da Universidade de Estocolmo e membro das Academias de Ciências da Suécia, de Moscou e de São Petersburgo.

Na trajetória de vida de Sofia Kovaliêvskaia há elementos que contam a própria história da luta feminina por espaço na sociedade. Assim como aconteceu com a personagem Vera Pávlovna, do romance *O Que Fazer?*, de Nikolai Tchernichévski,¹ Sofia Kovaliêvskaia, para poder ir estudar no exterior sem

¹ Romance de 1963, que gozou de imensa popularidade entre os meios progressistas russos. A narrativa conta a história de uma jovem que decide romper com o autoritarismo familiar, que lhe impunha um “casamento favorável” com um homem rico. Vera Pávlovna, a protagonista, decide se casar com o amigo niilista, Lopúkhov, para iniciar uma nova vida e ajudar na emancipação de outras mulheres. Para isso, ela monta uma pequena oficina de costura, em que o lucro é dividido igualmente entre as trabalhadoras. O sucesso do romance incentivou o surgimento de diversas comunas para mulheres nas maiores cidades russas, como Moscou e São Petersburgo.

o consentimento dos pais, teve que arranjar um casamento fictício com o jovem paleontólogo Vladímir Kovaliêvski. Com o tempo, os dois se apaixonaram e tiveram uma filha. Em 1883, Vladímir se suicidou por causa de problemas financeiros e deixou Sofia sozinha com a filha. A partir de então, sua atividade como professora e pesquisadora na Universidade de Estocolmo e o que recebia por suas palestras se tornaram a fonte oficial de renda da família. Apesar de ser descendente de nobres, Sofia permaneceu trabalhando de modo independente e, até sua morte, aos 49 anos, por decorrência de uma varíola, não tornou a se casar.

No aspecto político, sua participação na luta pelos direitos das mulheres começou antes mesmo de ir estudar na Alemanha. Seu marido, Vladímir, já estava envolvido na campanha pela democratização da educação feminina, e foi por meio dele que ela conseguiu se livrar das amarras da família – que não aceitava sua vontade de se tornar uma acadêmica. Os pais de Kovaliêvskaia não conseguiram impedir que ela seguisse os passos da irmã mais velha, a escritora niilista Anna Korvin-Krukóvskaia (1843-1887), que chegou a publicar duas histórias na revista *A época* (Epokha), de Dostoiévski, mas cuja carreira não deslanchou. Desde cedo, Sofia Kovaliêvskaia mostrava enorme desenvoltura para as ciências matemáticas, mas sempre de mãos dadas com o talento para narrar histórias. No outono de 1890, ela escreveu a um amigo contando como convivia com as duas paixões:

Você está surpreso porque trabalho simultaneamente com literatura e matemática, mas muitas pessoas que nunca tiveram a oportunidade de aprender matemática confundem-na com aritmética e acham que é uma ciência seca e árida. Na realidade, é a ciência que demanda mais imaginação. Um dos matemáticos mais destacados do nosso século diz que é impossível ser matemático sem ter um espírito poético. É evidente que, para se compreender a verdade dessa declaração, é preciso refutar o velho preconceito de que os poetas são fabricantes do inexistente e que a imaginação é o mesmo que “inventar coisas”. Parece-me que o poeta pode ver

coisas que os outros não veem, pode ver mais profundamente do que as outras pessoas.²

Quando escreveu a novela *A Garota Niilista*, Sofia Kovaliêvskaia já era uma matemática respeitada e a geração dos anos 1860 já se havia desmembrado em outras políticas revolucionárias mais bem definidas; mas, apesar desse deslocamento temporal, a escritora considerou oportuno fazer uma releitura do movimento que dera sentido à sua trajetória. A distância e a maturidade puderam, inclusive, fornecer-lhe um olhar mais acurado e consciente das lembranças de juventude. Desse modo, a novela se apresenta carregada de símbolos dos anos de 1860, com reminiscências biográficas e homenagens à literatura da época. Como pontua a pesquisadora Natasha Kolchevska, a narrativa é uma releitura de um modelo histórico e, ao mesmo tempo, sua própria crítica.³

A novela – dividida em dez capítulos – conta a história de Vera Barántsova, descendente de uma linhagem antiga da nobreza russa, cujos parentes viviam no esplendor de sua propriedade rural “como lordes ingleses”. Mas o conforto familiar estava com os dias contados, pois com o fim da servidão, em 1861, os camponeses promoveram uma imensa revolta, destruíram a casa senhorial e mataram o pai de Vera. Obrigada a se mudar para outra propriedade, menor, ela conhece um professor que vive sob vigilância policial por causa de sua atividade subversiva. Eles se apaixonam e, quando ele é enviado para a Sibéria, só resta a Vera se mudar para São Petersburgo e tentar se aliar a algum grupo niilista. Uma vez na capital, ela encontra a narradora da obra – em primeira pessoa –, a quem conta sua vida pregressa, e esta a reconta ao público leitor. A narradora tem uma trajetória de vida parecida com a da própria Sofia Kovaliêvskaia, e as lembranças de Vera também têm forte teor autobiográfico, além de referências bibliográficas que se conectavam à literatura niilista dos anos 1860. Já

² Traduzido da introdução da versão inglesa. Trecho selecionado pela pesquisadora e tradutora Natasha Kolchevska. Traduzido do inglês pelo autor. In: KOVALEVSKAYA, S. V. *Nihilist Girl*. Translated by Natasha Kolchevska. Published by The Modern Language Association of America, 2006.

³ *Idem*, p. XXIX.

no início da novela pode-se perceber um paralelo com a vida da escritora:

Eu tinha 22 anos quando me mudei para Petersburgo. Três meses antes, tinha me graduado numa universidade estrangeira e retornava à Rússia com meu diploma de doutorado em mãos. Depois de cinco anos de isolamento, quase reclusão, numa cidadezinha universitária, a vida em Petersburgo rapidamente me envolveu, me deixou entorpecida. Deixei de lado por um tempo aquelas considerações sobre funções analíticas, espaço e as quatro dimensões, que até recentemente preenchiam inteiramente meu mundo interior, e mergulhei de corpo e alma em novos interesses, conhecendo novas pessoas a torto e a direito. Tentei penetrar os mais variados círculos, e com ávida curiosidade, lancei todas as minhas atenções para as manifestações complexas, mas essencialmente vazias, tão atraentes ao primeiro olhar, daquele bulício que é a vida social petersburguesa.

[...]

A reputação de mulher inteligente envolvia-me com uma aura de prestígio; todos os amigos esperavam algo surpreendente, uma vez que duas ou três revistas já haviam alardeado minha presença; e esse papel de celebridade era completamente novo para mim. Embora essa condição fosse um tanto constrangedora, até que me agradou bastante nos meus primeiros passos na vida social. Em uma palavra, encontrava-me no mais complacente estado de espírito, ou, como se diz, vivenciava uma *lune de miel* com a fama, e, nessa época, talvez estivesse pronta a afirmar que “tudo no mundo estava posto da melhor maneira possível”.⁴

Após a apresentação de sua vida glamorosa em Petersburgo, a narradora recebe a visita de uma moça recém-chegada da província que tem a famosa doutora como modelo de vida. A garota vinha da mesma província que a dona da casa e sua sinceridade e beleza encantaram a famosa escritora, que ouve o pedido de ajuda da visitante:

“Sou sozinha no mundo e não dependo de ninguém. Minha vida pessoal está terminada. Não almejo nem quero

⁴ Esta e as demais citações de *A Garota Niilista* foram traduzidas do russo pelo autor. No momento da elaboração do artigo, a novela encontra-se em processo avançado de tradução e em breve estará disponível integralmente para o público de língua portuguesa. Traduzido da versão online disponível em: <http://homlib.com/read/kovalevskaya-sv/nigilistka>

nada para mim mesma. Minha paixão e meu fervoroso desejo é servir somente à 'causa'. Diga-me, por favor, ensine-me como devo fazer!"⁵

Após uma série de visitas, a narradora passa a conhecer a história da exaltada visitante disposta a tudo pela causa revolucionária e decide compartilhá-la com o público leitor. A personagem de Vera Barántsova pertencia a uma família nobre e abastada de uma província russa distante. A história da sua vida começa a ser contada em 1857, quando os rumores de uma possível emancipação dos servos já era assunto tratado, em francês, entre os parentes. Sua juventude fora tranquila até que fenômenos sociais externos à sua vontade revoltessem completamente sua existência. Nesse ponto, a própria Sofia Kovaliévskaja, uma adolescente quando o decreto do tsar foi anunciado Rússia afora, parece apresentar um relato memorialista.

O padre trouxe a cruz. Quase meia hora se passou até que todos tivessem beijado a cruz. O pope ficou escondido atrás do altar e então reapareceu nas escadas que conduzem ao altar, carregando um papel em alto-relevo enrolado numa fita e com o selo oficial protegendo-o.

Um profundo e prolongado suspiro ressoou pela igreja, como se toda a congregação estivesse respirando em uníssono. Nesse momento ocorreu uma confusão inesperada. A grande maioria das pessoas, que eram impedidas de entrar na igreja e aguardavam silenciosamente atrás da porta principal, começaram a ficar impacientes. De repente, a multidão começou a se empurrar em direção à entrada da igreja e uma situação inimaginável se sucedeu: as pessoas ficaram empilhadas defronte do altar. Gritos, xingamentos, grunhidos e choro de crianças soavam pela igreja.

– *Mon Dieu! Mon Dieu! Prenez pitié de nous!* – clamava a condessa, quase em pranto, embora estivesse protegida pela bancada do coral e não corresse perigo. As garotas ao lado dela estavam todas amedrontadas.

[...]

O padre leu o documento lentamente, quase como em oração, pausando as palavras de tal modo que parecia ler o Evangelho. O decreto estava escrito em linguagem jurídica,

⁵ KOVALEVSKAIA, *op. cit.* p. 6.

oficial. Os camponeses escutavam sem fôlego. Mas já não importava se eles conseguiam interpretar a leitura do documento que decidiria suas vidas – ser ou não ser – ou apenas palavras soltas. O significado principal ainda era nebuloso para eles. À medida que a leitura chegava ao fim, a tensão em seus rostos foi gradualmente desaparecendo, para dar lugar a uma expressão carrancuda, de perplexidade assustada.

O padre finalizou a leitura e os camponeses não sabiam se estavam libertos ou não, além disso, o mais importante, eles não tinham resposta para uma questão vital que lhes incendiava a cabeça: a quem pertence a terra agora? Silenciosamente, de cabeça baixa, a multidão começou a se dispersar.⁶

No longo relato acima, Sofia Kovaliêvskaia presenteia o leitor com uma viva descrição daquele que foi o mais importante evento da história russa do século XIX. A emancipação dos servos pelos olhos de uma menina – a própria escritora também tinha idade semelhante quando o evento foi deflagrado. Esse evento, que mudou os rumos da nação, também alterou o curso da vida de Vera Barántsova. Após o anúncio do decreto, os camponeses iniciaram motins pela província e seu pai foi assassinado. As filhas foram poupadas. Enquanto os camponeses bebiam em torno de uma fogueira, Vera pôde escutar deles as injustiças que sofreram por gerações, silenciadas pelas relações de vassalagem e que agora vinham à tona com o ardor da circunstância. Nesse momento de desespero, a garota tem seu primeiro contato com a realidade dos oprimidos. A velha governanta, após uns tragos, desmascara até o comportamento lascivo do pai de Vera: “Nosso mestre tornou-se manso, ultimamente; mas no tempo em que era solteiro agia e se comportava de modo escandaloso diante de nós, moças.”⁷ Aqui, é importante salientar que a família de Sofia Kovaliêvskaia não passou pelo mesmo evento trágico que a da personagem, embora os relatos de casos traumáticos nas diversas províncias russas tenham deixado marcas no imaginário de muitas casas nobres.

Após o espólio das terras, Vera foi morar numa pequena pro-

⁶ *Idem*, p. 25, 26.

⁷ *Idem*, p. 30.

priedade da família com mais duas governantas que cuidariam de sua educação. Aos 14 anos tornara-se a única responsável pelas decisões que tomaria. Vera fora educada sob preceitos religiosos e já no terceiro capítulo está adaptada à vida provinciana: tem suas atividades educacionais, domésticas e lê *A vida dos 40 mártires e das 30 mártires da Igreja Ortodoxa*. No quarto capítulo entra em cena o vizinho, Stiepan Mikháilovitch Vassíltsev, um ex-professor do Instituto Tecnológico de Petersburgo, de “pouco mais de 40 anos”,⁸ que se encontrava sob vigilância policial por atividades subversivas na capital.

Nesse ponto, a novela de Kovaliêvskaia se aproxima muito da escrita de outros escritores da Época Niilista (1855-1866), como Nadiêjda Khvoschínskaia e Vassíli Sleptsov, em que o processo de emancipação da personagem feminina se dá por meio do contato com um mentor esclarecido (niilista) e o desenvolvimento dessa relação de tutoria transforma-se em amor e devoção às causas políticas e sociais. O fio entre literatura e sociedade nessa década de apogeu do Realismo Russo era extremamente tênue, e a vida da escritora Sofia Kovaliêvskaia, que se casou com um estudante niilista a fim de dar prosseguimento aos estudos no exterior – o que na Rússia da década de 1860 ainda era impossível, se confundiu com a de diversas personagens do período, em especial com a de Vera Pávlovna, de *O Que Fazer?*, de Tchernichévski.

No sexto capítulo, a trama dá um salto de três anos e Vera, já com dezoito anos, torna-se uma moça muito bonita e sagaz, e a apuração do sentimento amoroso entre mentor e discípula atinge o seu ápice. Quando a jovem concorda em conhecer os “verdadeiros mártires”, Vassíltsev inicia com ela um processo de intensa orientação com os clássicos da literatura liberal-radical. Ao reaparecer na trama, ela está lendo Dobroliúbov⁹ junto com seu preceptor.¹⁰ Embora afastado da metrópole, Vassíltsev seguia atuando como revolucionário, despertando sus-

⁸ *Idem*, p. 42.

⁹ Nikolai Dobroliúbov (1836-1861), crítico literário, que junto ao escritor Nikolai Tchernichévski e o crítico Dmitri Píssarev, tornaram-se ícones do movimento liberal-radical russo, alcunhados como niilistas.

¹⁰ KOVALEVSKAIA, op. cit. 60.

peita entre os vizinhos: primeiro dividiu entre os camponeses toda a terra que lhe restava; posteriormente, incentivou outros trabalhadores rurais a cobrarem a divisão de terras junto de seus patrões. Enquanto isso, Vera montava uma pequena escola para camponeses. Ainda na metade da trama, Kovaliêvskaia promove uma revisitação a todos os clichês positivos das personagens femininas da literatura niilista dos anos 1860: a relação mentor-discípula, o discurso de engajamento social e a libertação em relação ao modelo de amor tradicional.

Numa manhã, enquanto se preparava para visitar seus alunos, Vera sofre um sobressalto com a informação trazida pela governanta Aníssia, aterrorizada com a presença de policiais na casa de Vassíltsev e, entre a vizinhança, corria a notícia de que ele seria conduzido ao exílio, a uma província ainda mais distante, a pequena cidade de Viátka.¹¹ Quando Vera chega à residência de seu amado mentor, dá de cara com o coronel da guarda. Ela consegue convencê-lo a deixá-la passar a noite com o condenado, mas não escapa de ouvir um comentário desprezível antes de atravessar o pátio: “Isso é o que eu chamo de desejo ardente! – Sorriu o coronel. – Mas escute, querida, qualquer que seja o seu nome, não esqueça de nós da próxima vez, quando seu amado se for.”¹²

Vera e Vassíltsev passam a noite juntos. Leem o filósofo inglês Herbert Spencer e o mentor deixa com Vera seus livros mais preciosos, além de recomendações para que ela evite participar de movimentos que coloquem sua vida em risco. Um pedido impossível de ser cumprido, dado o seu envolvimento intelectual e emocional com a causa. Vassíltsev é levado pela manhã e a vida na província deixa de fazer sentido para Vera. Ela pensa em seguir para Viátka, a três mil verstas¹³ de sua província, mas, solteira e sem passaporte, seria detida na primeira estação em que fosse parada.¹⁴ Decide esperar

¹¹ Atualmente Kírov, cidade ao norte da Rússia.

¹² KOVALEVSKAIA, *op. cit.* 76.

¹³ Medida russa equivalente a 1.067 metros.

¹⁴ Na Rússia, ainda hoje, é preciso ter um passaporte para viajar internamente. Mudanças sem autorização não são permitidas. À época, para agravar, as mulheres só podiam viajar

uma carta ou notícia de Vassíltsev, que não chegava nunca. Duas primaveras após a condução de seu amado, uma telega reaparece na frente da sua casa abandonada – eram os pais do refugiado trazendo a notícia de sua morte por tuberculose e uma carta endereçada a Vera:

Vera, você foi uma filha e uma amante para mim. – Ele escreveu. – E agora, enquanto agonizo, acho apenas que você será uma continuação de mim. Não fui capaz de completar nada nesta vida. Gastei minha vida inteira como um ocioso, um sonhador inútil. Quando morrer, nenhum verme lembrará de mim, como a grama no campo daquela canção – cortada e seca – e que você nem sabe mais onde foi que cresceu. Mas você, Vera, ainda é jovem e forte. Eu sei, eu sinto que você pode ser chamada a fazer algo grandioso e admirável. O que eu apenas sonhei, você realizará; o que eu tive apenas um vago pressentimento, você completará.¹⁵

Assim termina o oitavo capítulo, o último em que Vera passa na província.¹⁶ Ela então parte para São Petersburgo, onde se encontra com a narradora de sua história. Mas, antes, vai procurar niilistas na cidade – sem qualquer referência ou contato.

Sua ignorância das reais condições de vida era tão grande que, em sua imaginação, os niilistas eram algo como uma sociedade secreta bem organizada, que trabalhava de acordo com um plano definido a fim de alcançarem objetivos definidos. Ela não tinha dúvidas de que, uma vez que chegasse a Petersburgo – o berço da agitação niilista –, imediatamente encabeçaria a lista de um exército subversivo e tomaria um posto na ação, por mais modesto que fosse.¹⁷

Vera desembarca em Petersburgo em 1866, um ano muito importante para a causa revolucionária, após a tentativa de assassinato do tsar Alexandre II pelo estudante Dmitri Karakóvov.¹⁸ A repercussão do atentado, o julgamento dos envolvi-

acompanhadas ou com autorização do pai ou do marido.

¹⁵ KOVALEVSKAIA, *op. cit.*, 92.

¹⁶ Aqui é importante sublinhar que não foi encontrado em nenhuma das biografias estudadas da autora se ela havia vivido um amor semelhante ao de Vera e Vassíltsev, sendo o relacionamento com seu marido Vladimir Kovaliêvski o único relatado.

¹⁷ *Idem*, 96.

¹⁸ Este atentado marca a passagem da época do Niilismo para o Populismo Russo. O tsar

dos, a aura de organização criminosa que caiu sobre os niilistas, a difusão dos textos de Piótr Lavróv e Mikhail Bakúin¹⁹ entre a juventude desiludida com a autocracia e, principalmente, a criação de círculos mais violentos e com estatutos próprios, cujos métodos eram quase de doutrinação religiosa, separaram aqueles que abraçaram o niilismo por moda ou por simpatia pelas ideias radicais daqueles que estavam dispostos a derramar sangue para atingir os objetivos delineados em seus círculos.²⁰

Vera se decepcionou com o clima moribundo da geração niilista na cidade, que acabara de sofrer três duros golpes em suas ambições: o fracasso do atentado de Karakózov, a extração de Tchernichévski para a Sibéria, no momento em que seu romance atingia números estratosféricos de tiragem, e o fracasso do Levante Polonês²¹ (1863) que desencadeou uma ofensiva muito maior do Estado aos grupos radicais – obrigando-os a mudar de tática. Nesse ponto da novela, a narradora – e aqui fica evidente a condição autobiográfica de quem descreve – faz uma pausa na trama para uma exposição dos fatos, de como o movimento histórico e a prática niilista se modelavam ao sabor dos acontecimentos. Ao inserir na narrativa ficcional sua própria experiência, a experiência de quem vivera o período por dentro, a autora não deixa dúvidas quanto à enorme influência do contexto sobre a literatura desse período.

Durante aquele tempo, um grande número de pessoas entrou para a lista de suspeitos. Prisões frequentes e exílios ocorreram em profusão, mas era impossível identificar um movimento geral. Os anos de assassinatos sistemáticos ainda não tinham começado. A própria natureza da propaganda

Alexandre II, que até então mostrara-se aberto às reformas, após o atentado promoveu uma perseguição muito forte aos niilistas, o que resultou na mudança de organização dos grupos radicais e na adoção de táticas revolucionárias mais diretas.

¹⁹ Piótr Lavróvitch Lavróv (1823-1900), filósofo e teórico do populismo russo; Mikhail Aliexândrovitch Bakúin (1814-1876), filósofo e teórico do anarquismo e do socialismo.

²⁰ C.f. WALICKI, 1979; VENTURI, 1966; LEATHERBARROW, 2010.

²¹ Insurreição de jovens poloneses contra a Lei Marcial implementada pelo tsar Alexandre II, em outubro de 1861. Logo a revolta recebeu apoio da oposição russa, que via no Levante uma possibilidade de derrubada da autocracia.

revolucionária mudou decididamente, sob uma significativa influência estrangeira. Antigos radicais foram consumidos pela ideia de reformas políticas e a derrocada da autocracia foi recolocada em pauta através de novos objetivos socialistas. A *intelligentsia* revolucionária gradualmente se convenceu de que, enquanto as pessoas comuns permanecessem ignorantes e pobres, seria difícil esperar algum resultado objetivo.

Para se alcançar alguma coisa, alguém teria que trabalhar entre as pessoas, buscar uma aproximação com elas e compartilhar seu estilo de vida simples. Essa geração está bem retratada no romance de Turguêniev, *Solo Virgem*.²² Os setenta e cinco acusados que mencionei acima²³ estavam longe de serem ingênuos, mas também não eram propagandistas criminosos. Não estavam armados com bombas ou dinamites. A maioria deles era de pessoas de boa família e seus únicos crimes foram “ir ao povo”. Com esse objetivo em mente, eles se vestiram em roupas de camponeses e foram trabalhar nas fábricas, com a secreta intenção de divulgar propaganda política entre os trabalhadores. Outrossim, a maior parte de suas atividades era frequentar tavernas e mercados, fazendo discursos revolucionários e repassando brochuras aos trabalhadores letrados. Desacostumados dos costumes morais do povo ou mesmo por culpa das suas maneiras de discursar, os propagandistas conduziram tão mal sua missão que, após as primeiras tentativas de “produzir fermento” entre os trabalhadores, os donos das fábricas e tavernas, informados muitas vezes pelos próprios camponeses, entregavam-nos ao chefe da polícia. [...]

Os detidos eram levados para São Petersburgo para investigação e julgamento. Embora a maioria deles não se conhecessem, eram acusados de conspiração. O governo queria causar uma forte impressão, tanto pela rigidez de sua retribuição quanto pela severidade de sua justiça. Mas, embora a questão fosse entregue à investigação e a um júri especial, a comissão judicial do governo deu a cada acusado o direito a um conselho independente, e o julgamento acontecia em corte aberta ao público.

²² Último romance publicado por Turguêniev, em 1877. Depois, ele ainda publica mais dois contos antes de sua morte, em 1883.

²³ A autora mencionou anteriormente os acusados de propaganda criminosa, que foram acrescentados ao caso que envolveu a tentativa de assassinato do tsar, em abril de 1866.

Evidentemente, o governo não foi suficientemente esperto para levar em conta que num país como a Rússia, com suas intermináveis distâncias e ausência de imprensa livre, os julgamentos políticos eram um requintado instrumento para propaganda revolucionária. Muitos jovens que compartilhavam das mesmas convicções que Vera não achariam um jeito de “servir a causa” por tantos anos se não fossem os periódicos julgamentos que mostravam onde encontrar os “verdadeiros” niilistas. Regra geral, os acusados desperjavam a simpatia nos mais diversos círculos. Enquanto as relações diretas com eles não eram possíveis, uma vez que estavam trancafiados quando longe do tribunal, qualquer um podia se aproximar de um amigo ou parente e expressar sua simpatia pelo acusado. A confiança mútua se estabelecia entre os simpatizantes e o objeto da simpatia: um ajudava e guiava o outro. Por isso não era surpreendente que cada julgamento fosse uma reencenação de um antigo ditado russo: “dez virão para assumir o lugar de um *bogatír*”^{24, 25}

A escritora, ao contar a trajetória da garota niilista, coloca o leitor diante de dois importantes eventos históricos e o convida a acompanhar as mudanças que o país atravessava por um olhar que era também seu. Vera tinha uma idade próxima à da escritora quando ambos os casos ocorreram. E, quando a moça assiste ao julgamento dos acusados, se depara com cientistas cheios de persuasão e uma linguagem atualizada, capazes de despertar, no mínimo, a curiosidade do espectador. Entre botânicos, professoras e estudantes de ciências naturais, Vera se apiedou de um judeu pobre, estudante de medicina, chamado Paliênkov, que entre os acusados foi o que recebeu a maior pena do júri: vinte anos de trabalhos forçados na Sibéria.

No décimo e último capítulo da novela, Vera reaparece diante da narradora para se despedir, bem-vestida, com os olhos azuis acinzentados resplandecendo e uma expressão triunfante. Está pronta para ir à Fortaleza de Pedro e Paulo, casar-se com o condenado Paliênkov e seguir com ele a difícil estrada dos próximos anos. Ao ser questionada pela narradora se ela tinha plena consciência do que estava fazendo, das conse-

²⁴ Herói épico das lendas russas.

²⁵ KOVALEVSKAIA, *op. cit.*, 101-104.

quências irrevogáveis de seu ato, a moça responde, decidida: “Você me pergunta seriamente isso? Você não entende que, se eu não fizer qualquer coisa, qualquer coisa que esteja em meu poder, eu contribuiria para a destruição dele? Diga-me, em sua consciência, se você não fosse casada, não faria o mesmo?”²⁶ A narradora respondeu que não teria tamanho senso de abnegação e, logo depois, elas se despedem amigavelmente.

Em momento algum, Vera Barántsova se arrepende de suas difíceis decisões, ela encarna o modelo feminino otimista salientado pela pesquisadora russa N. V. Lukiántchikova no texto “O problema do niilismo feminino no conto ‘O Meião Azul’, de M. P. Tchékhov”. Esse tipo de modelo coloca o “amor cívico” acima de qualquer outra categoria, como o casamento tradicional e suas decorrências:

As heroínas dos romances polêmicos quase nunca têm filhos. E elas não precisam de crianças, pois estas são obstáculos para a sua realização pessoal. O amor materno não tolera a ‘negação’, que não é uma simples contenda, mas uma entrega completa, que priva de qualquer liberdade – que não seja no sentido niilista.²⁷

Vera Barántsova segue decidida e determinada para a Sibéria, a fim de acompanhar um quase desconhecido e carregar conjuntamente o fardo de sua punição. Entre tantas associações com a literatura progressista do século XIX, Kovaliévskaja parece homenagear o movimento que deu o primeiro passo na construção de um pensamento liberal na Rússia: o movimento dezembrista de 1825.²⁸ Na plataforma, antes do embarque rumo aos confins da Sibéria, ela rememora Vassiltsev e se orgulha da difícil vida que terá pela frente e do modo como encara a situação:

²⁶ *Idem*, 122.

²⁷ N. V. Lukiántchikova. “*Problêma jênskovo niguilizma v póvesti M. P. Tchekhova ‘Sínii Tchulók’*. Yaroslavskii Pedagogičeskii Véstnik – 2012 – Nº3 – Tom 1. Traduzido do russo pelo autor do artigo.

²⁸ A imagem das mulheres dos revoltosos dezembristas, que seguiram seus maridos para uma vida de privações nos distantes campos forçados da Sibéria, constitui-se numa das mais vibrantes e cantadas lembranças da identidade nacional russa. Através da influência de suas famílias conseguiram criar importantes redes de solidariedade, que iam desde correios para notificar as famílias dos soldados presos até a criação de hospitais de caridade (cf. PIPES, 1995; FREEZE, 2009; VERNADSKY, 1969).

Naquele momento, parecia para mim que não era Paliênkov que estava ao meu lado, mas Vassiltsev, e eu podia ouvir sua voz querida, clara e distintamente. Eu sei perfeitamente que ele aprovaria e se orgulharia de me ver agora. E subitamente tudo se tornou claro para mim: todo meu futuro desvelado diante dos olhos, como um mapa. Eu iria para a Sibéria, viver entre os exilados. Eu os confortarei, os servirei e enviarei cartas deles para suas famílias.²⁹

Embora o destino da personagem difira do vivenciado pela escritora, o movimento de sair das capitais russas, Moscou e São Petersburgo, para seguirem suas orientações ideológicas, reaproxima suas trajetórias. Sofia Kovaliêvskaia fez parte de uma geração de mulheres russas que partiram para a Europa Ocidental a fim de buscar uma mudança nos rumos da educação feminina e das condições de participação social para elas.

De 1862, com os primeiros sucessos na luta pelo direito à educação, datam a fundação de escolas dominicais para alfabetização de mulheres carentes, a abertura de ginásios e o acesso das mulheres, como ouvintes, aos cursos de Ciências Naturais e Ciências Médicas nas grandes universidades russas. Em 1863, aproveitando-se do advento do Levante Polonês contra a autocracia russa, que resultou num retorno à postura reacionária, o Estado emite um novo estatuto, que bane as mulheres das universidades por conta da associação de suas imagens ao niilismo e à causa revolucionária. A proibição das universitárias veio a reboque de um movimento que começara em junho de 1862, com a proibição de quase 300 escolas dominicais, fundadas pelas sociedades filantrópicas.

Após experimentarem o sabor de ter acesso ao mesmo saber que os homens, as mulheres vanguardistas não estavam dispostas a retroceder, e, a partir de 1864, um grupo muito significativo de mulheres estudantes partiram da Rússia para estudar, principalmente, nas universidades de Zurique, na Suíça, e de Heidelberg, na Alemanha. Desta vez, muitas dessas estudantes que seguiram para o exterior foram taxadas de niilistas, pois, naquele momento de forte apelo nacionalista por causa da revolta na Polônia, qualquer mulher que ousasse

²⁹ KOVALEVSKAIA, *op. cit.*, 137.

não corresponder ao que a sociedade esperava dela poderia ser facilmente enquadrada “radical”. E foi praticamente como proscritas que deixaram o país para estudar. Seguindo o modelo de valorização das ciências empíricas, matricularam-se nos cursos de Ciências Naturais e Medicina.

As estatísticas acumulativas da Universidade de Zurique mostram que, das duzentas e três mulheres ouvintes ou matriculadas entre o inverno de 1864-1865 e o verão de 1872, havia vinte e três inglesas, dez suíças, dez alemãs, seis austríacas, seis norte-americanas e cento e quarenta e oito russas. Posteriormente, quando as mulheres passaram a ser admitidas em outras universidades suíças, notavelmente em Berna e Genebra, o percentual era parecido. Além disso, quase todas estudavam ciências naturais ou medicina. Das sessenta e sete graduações dadas às mulheres, a maioria russas, em Genebra, de 1876 a 1883, por exemplo, trinta e cinco eram para a graduação em Ciências Naturais, trinta e uma para Medicina e apenas uma para o curso de Letras. A proporção para outras universidades suíças era similar.³⁰

Essas estudantes tiveram um papel muito importante na conquista do espaço científico para as mulheres. Foram verdadeiras pioneiras em suas pesquisas e contribuíram enormemente para o progresso da ciência no século XIX. Podemos assinalar, entre as “nihilistas” russas que participaram da debandada para a Europa, os nomes de Nadiêjda Súslova (1843-1918); Maria Óbrutcheva, que depois mudou o sobrenome para Bókova-Siétchenova (1839-1929), Varvára Kacherova-Rúdnieva (1844-1899) e, numa segunda geração de emigradas, Sofia Kovaliêvskaia.

O número de mulheres que lutaram e se sobressaíram em suas atividades é imenso. A análise individual de seus méritos seria trabalho para uma outra pesquisa, mas para os objetivos deste artigo é importante ressaltar o senso de coletividade que essa geração de mulheres desenvolveu. Em suas comunas, fosse em Heidelberg ou Zurique, elas se reuniam e se comportavam de modo parecido e, acima de tudo, desejam ser úteis à sociedade. A pesquisadora Olga Valkova sublinha que “apenas

³⁰ KOBLOITZ, Ann Hibner. Science, Women and the Russian Intelligentsia: The Generation of the 1860s. *Isis*, v. 79, n. 2 (Jun, 1988), pp. 208-226.

uma minoria dessas mulheres desejava se tornar cientistas; para a maioria era uma oportunidade de desenvolver uma vida sensível ou trabalhar para o benefício da humanidade”.³¹ Assim, Sofia Kovaliêvskaia batalhou pela causa feminina em todos os campos possíveis, transformando vida, trabalho e arte em fazer político.

Referências bibliográficas

ENGEL, Barbara Alpern. *Mothers and Daughters: Women of the Intelligentsia in Nineteenth Century Russia*. Cambridge University Press, 1983.

_____. The Emergence of Women Revolutionaries in Russia. *A Journal of Women Studies*, v. 2, n. 1, (Spring 1977), pp. 92-105.

EVANS, B.C.; ENGEL, B. A.; WOROBEK, C.D. *Russia's Women: Accommodation, Resistance, Transformation*. California: University of California Press, 1991.

GHEITH, Jehanne M. *Finding the Middle Ground: Krestovskii, Tur, and the Power of Ambivalence in Nineteenth-Century Russian Women's Prose*. Evanston, IL: Northwestern University Press, 2004.

_____. The Superfluous Man and the Necessary Woman: a “Re-Vision”. *Russian Review*, v. 55, n. 2 (Apr., 1996), pp. 226-244.

GREENE, Diana. *Reinventing Romantic Poetry: Russian Women Poets of the Mid-Nineteenth Century*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 2004.

GRENIER, Svetlana Slavskaya. *Representing the Marginal Women in Nineteenth-Century Russian Literature: Personalism, Feminism and Polyphony*. Greenwood Press, 2001.

HUTTON, Marcelline. *Remarkable Russian Women in Pictures, Prose and Poetry*. Marcelline Hutton. Zea Books: Lincoln,

³¹ VALKOVA, Olga. *The Conquest of Science: Women and Science in Russia, 1860-1960* (2008), pp. 136-165. p. 147.

Nebraska, 2013.

JOHANSSON, Christine. *Women's Struggle for Higher Education in Russia, 1855-1900*. Mc-Gill-Queen's University Press, 1987.

KELLY, Catriona. *A History of Russian Women's Writing, 1820-1992*. Oxford: Clarendon Press, 1994.

KOBLITZ, Ann Hibner. Science, Women and the Russian Intelligentsia: The Generation of the 1860s. *Isis*, v. 79, n. 2 (Jun, 1988), pp. 208-226.

KOVALEVSKAIA, Sofia Vassiliêvna. *Nigulístka*. 1890. Disponível em: <<http://homlib.com/read/kovalevskaya-sv/nigulistka>>.

_____. *Nihilist Girl*. Translated by Natasha Kolchevska with Mary Zirin; Introduction by Natasha Kolchevska. New York: The Modern Language Association of America, 2006.

LUKIANCHIKOVA, N. V. Problêma Jênskogo Nigulizma v Povesti M. P. Tchêkhogo "Sínii Tchulók". *Iaroslávskii Pedagoguitcheskii Vestnik*, Nº 3 – Tom 1 (Gumanistannie Naúki), YDK 821.161.1, 2012.

MARSH, Rosalind. *Gender and Russian Literature: new perspectives*. Translated and edited by Rosalind Marsh. (Cambridge Studies in Russian Literature). Cambridge University Press, 1996.

MAXWELL, Margaret. *Narodniki Women: Russian Women Who Sacrificed Themselves for the Dream of Freedom*. New York: Pergamon Press, 1990.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

SLEPTSOV, Vassili Alekseievitch. *Trúdnoe Vrêmia: ótcherki, rasskázii / Avtor vstup. Stati i primetch. V. S. Lisenko*. Moscou: Sovremennik, 1986.

STITES, Richard. *The Women's Liberation Movement in Russia; Feminism, Nihilism and Bolshevism*. Princeton Univer-

sity Press. New Jersey: 1967.

VALKOVA, Olga. *The Conquest of Science: Women and Science in Russia, 1860-1960* (2008), pp. 136-165.

VENTURI, Franco. *Roots of Revolution: A History of the Populist and Socialist Movements in the XIXth Century*. Translated from the Italian by Francis Haskell. The Universal Library Grosset & Dunlop. New York, 1960.

WALICKI, Andrzej. *A History of Russian Thought: From the Enlightenment to Marxism*. Translated by Hilda Andrews-Rusiecka. Stanford University Press, 1979.